

Toda nudez será castigada?

Marcus do Rio Teixeira¹

A *Folha de S. Paulo* informa <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2017/01/1850379-globeleza-vestida-na-vinheta-de-carnaval-agrada-feministas.shtml?cmpid=compfb> que a Globo decidiu apresentar a partir deste ano a sua tradicional representante do carnaval, a Globeleza, vestida com trajes típicos e não mais com a pouca ou nenhuma roupa que a caracterizava. Ao fazê-lo, cede às críticas costumeiras sobre a exploração da nudez feminina mas ao mesmo tempo desperta novas críticas, desta vez sobre o retrocesso moralista. A reportagem cita a opinião da pesquisadora e autora de um blog do UOL, Djamila Ribeiro:

A nudez pode ser “uma libertação para a mulher branca que, de forma geral, é construída para ser 'de casa'”, diz Djamila. “Para a negra, tem sempre outro caráter. Ela é colocada sempre assim, como se tivesse que servir aos desejos masculinos.”

Dessa forma, somos esclarecidos acerca da existência de dois tipos de nudez feminina, divididos conforme a cor da pele: a nudez libertadora e a nudez que serve ao desejo masculino. A primeira, naturalmente, seria louvável; a segunda deve ser repudiada. É curiosa essa concepção que considera a nudez aceitável somente na condição de não ser sexualizada. O que seria uma nudez não sexualizada? Ora, desde Freud sabemos que nem a nudez infantil pode ser considerada como uma expressão inocente, desprovida de caráter sexual. O que dizer então de uma leitura contemporânea que busca desvincular a nudez adulta de qualquer conotação sexual, criticando o fato de que ela possa despertar o desejo?

Vestir a Globeleza não é um exemplo isolado dessa tendência a considerar o desejo sexual de forma pejorativa: ao contrário, tal tendência é recorrente nas redes sociais. Há pouco tempo circulou no Facebook um ensaio fotográfico alegadamente feito por mulheres que não queriam se exhibir para o olhar de ninguém (sic), mas que se deixavam fotografar nuas para sua satisfação pessoal. A reação entusiástica dos adeptos do *face* (“Lindo!”, “Parabéns!”, etc.) aparentemente não levava em consideração o fato de eles estarem apreciando um ensaio fotográfico postado em uma rede social de alcance mundial, com milhares de curtidas. Essa postagem, por sua vez, era um link para um site com potencialmente dezenas ou centenas de milhares de visualizações. E isso se tratando de um ensaio que supostamente não visava o olhar do outro, feito para deleite exclusivo dessas mulheres.

Porém, mesmo que elas tivessem guardado suas fotos para si próprias, ainda assim tais fotos não excluiriam o desejo do outro, uma vez que este estaria presente no olhar do (a) fotógrafo (a). A esse respeito, vale lembrar uma entrevista de Helmut Newton no canal Arte1, na qual ele fala da primeira foto de uma sessão, que mesmo sendo tecnicamente inferior às subsequentes guarda um traço inigualável: a disposição da modelo em se expor ao olhar do fotógrafo. Podemos ir ainda mais longe: mesmo que as modelos do ensaio fizessem *selfies* só vistos por elas, ainda assim haveria o olhar de um outro imaginário suposto de forma diferente por cada uma.

O que isso significa? Que nós não temos uma relação inteiramente narcísica com nossos corpos, excluindo o outro, o próximo, e o seu desejo. O corpo de cada um de nós não é isolado do desejo dos pequenos outros. Desde cedo ele foi investido pelo desejo de um Outro, daquela que ocupou esse lugar ao se encarregar dos cuidados maternos e inscrever nele as zonas erógenas. A nudez, por sua vez, não é jamais assexuada, ela pressupõe um olhar, mesmo quando não há um outro fisicamente presente. Por que então essa insistência em supor uma nudez assexuada, que não desperte o desejo?

Finalmente, mais um exemplo, desta vez relativo à participação das mulheres na arte. Circulou no Facebook (novamente!) um vídeo sobre a percentagem de mulheres pintoras e nus femininos expostos no Metropolitan Museum em certo período. A estatística apresentada - apenas 5% de mulheres entre os artistas, mas 85% de nus femininos nos quadros - pretende demonstrar matematicamente a exclusão da mulher da condição de autora e o seu rebaixamento, digamos assim, ao papel de musa.

Ocorre que são duas situações diferentes. Vejamos a primeira: é fácil constatar que a participação das mulheres nos movimentos artísticos é bem maior no cenário contemporâneo, decaindo à medida que retrocedemos no tempo. Há motivos históricos para isso – não resta dúvida de que as mulheres artistas foram discriminadas durante certas épocas. Isso significa que se um museu focar as suas mostras em determinados períodos e não apresentar um número expressivo de mulheres entre os artistas, não será devido a uma discriminação da curadoria. Significa que não havia muitas pintoras em tal período, ou não havia muitas que influenciaram o movimento artístico da sua época. Pode-se lamentar e condenar esse fato, desejar que houvesse sido diferente, mas não se pode mudar a História da Arte e inventar um percentual de pintoras que não existiu.

Quanto ao percentual de nus femininos a questão é outra. A tese implícita no vídeo é que isso se deve tanto à primazia dos pintores homens quanto a um rebaixamento da mulher a uma condição objetal. Esse raciocínio parece partir do pressuposto de que se houvesse mais pintoras mulheres haveria um número maior de nus masculinos. Ora, se a teoria elaborada por um psicanalista chamado Jacques Lacan não servisse para nada além de demonstrar a falácia desse raciocínio, já seria uma grande contribuição à cultura. Porque o que ele demonstra é que não há uma simetria entre os sexos – ou, no jargão dos autores do vídeo, não há uma “igualdade de gênero”. Assim, mulheres pintoras podem simplesmente optar por pintar nus femininos, não porque sejam lésbicas, mas tanto por uma escolha artística quanto pelo fato de não tomarem o corpo masculino da mesma forma que os homens tomam o corpo feminino, simplesmente porque a sua relação com o corpo e com o desejo é diferente.

Retomando as questões iniciais: Qual o sentido dessa crítica à nudez feminina? O que seria uma nudez assexuada, que não buscasse de forma alguma despertar o desejo de quem a vê? Sabemos que as crianças pequenas apreciam imensamente a nudez, e não perdem a oportunidade de observar outras crianças despidas (e, se puderem, adultos) assim como de se exibirem nuas. A sua curiosidade é dirigida explicitamente aos órgãos genitais e às funções de micção e excreção. Freud denominou essa posição infantil de perversão polimorfa, por reunir em um conjunto amplo a variedade de condutas face à sexualidade denominadas de perversões pela psicopatologia sexual da sua época. Ela se caracteriza, em termos da teoria psicanalítica, por não apresentar uma predominância de uma corrente pulsional sobre as outras, mas constituir a expressão de todas as formas das pulsões sexuais, daí o adjetivo *polimorfa*. Assim, no que tange à pulsão escópica, a criança se situa tanto no polo voyeurista (prazer de ver) quanto no exibicionista (prazer de ser visto).

Freud ressalta que no adulto uma corrente pulsional tenderá a se impor às outras. Assim, a pulsão escópica, quando predominante, se expressará comumente em um dos polos. Porém, ele lembra que mesmo que se apresente de forma secundária, como preliminar ao ato sexual propriamente dito, ela nunca deixa de estar presente como fator de excitação sexual. Daí porque é estranho falar de uma nudez dessexualizada, excluída do jogo pulsional do ver/ser visto. A divisão da nudez em “libertadora” e “para servir ao desejo masculino” é mais uma tentativa de resposta às críticas que questionam qual seria a diferença entre a censura à nudez em nome de uma defesa da mulher e a censura em nome do puritanismo tradicional. A resposta, porém, só faz expor ainda mais a contradição: se a nudez só é positiva ao constituir uma atitude política e negativa quando desperta o desejo sexual, o que se está condenando de fato é o desejo.

O desejo que tanto incomoda nessas críticas insistentes à nudez feminina não é qualquer um, mas o desejo do homem heterossexual, aquele que pode se excitar ao ver o corpo nu de uma mulher e se dirigir a esse corpo como um objeto sexual. A tese subjacente ao ideal de uma nudez feminina pura, não sexualizada, que não visa o olhar do outro, pressupõe o desejo masculino como invasivo, incômodo e essencialmente mau para uma mulher, logo condenável. É esse desejo que se trata de evitar a todo custo, e não qualquer outro (o desejo de uma mulher lésbica, por exemplo, não é tema de crítica ou prevenção). Por isso é tão importante cobrir o corpo das mulheres, seja na mídia, na sociedade e até mesmo nas obras de arte clássicas.

Essa censura à nudez das mulheres não é feita em nome do seu controle e da repressão à sua liberdade sexual, como no antigo puritanismo religioso, mas, paradoxalmente, em nome da sua libertação. Não é a primeira nem será a última vez em que se propõe exercer o controle sobre alguém a pretexto da sua libertação. Se questionarmos as autoras acerca dessa tese, elas poderão replicar afirmando que quando condenam o desejo

masculino não estão se referindo ao desejo de todo homem, apenas àqueles que se dirigem às mulheres de forma agressiva, como nas inúmeras situações de assédio ou de violência sexual às quais elas são expostas diariamente em todo o mundo. Trata-se de um raciocínio por extremos, que toma um exemplo máximo para justificar o que se pretende condenar. Isso não justifica de forma alguma as críticas expressas nessas postagens. Se ao pensar no desejo masculino o primeiro exemplo que lhe ocorre é a violência sexual, não é necessário mais nada para demonstrar que você pressupõe esse desejo como violento em si mesmo.

Todos os dias encontramos nas redes sociais e na mídia exemplos como os acima citados, que visam difundir os novos “moralismos libertadores”. As redes sociais são mais permeáveis a esse tipo de discurso devido a uma característica especial: a apresentação dos pontos de vista por meio de frases simples, slogans, imagens, memes, que não deixam espaço para a reflexão. Mesmo as discussões, quando ocorrem, são tolhidas pela própria limitação do meio. Seria interessante se os adeptos das redes sociais questionassem um pouco os argumentos presentes nas postagens que curtem.

1. Psicanalista, diretor da editora Ágalma. Autor de *Vestígios do Gozo* (2014), entre outros.